

# Risco de recessão

Índice do BC mostra retração de 1,2% no 2º trimestre, pior resultado desde 2009, ano da crise

GABRIELA VALENTE  
valente@bsb.oglobo.com.br  
LUCIANNE CARNEIRO  
lucianne.carneiro@oglobo.com.br

**-BRASÍLIA E RIO-** Com o desempenho oscilante do comércio e a indústria em retração, a economia brasileira encolheu 1,2% no segundo trimestre deste ano, segundo o IBC-Br (índice que mede a atividade no Brasil), do Banco Central, no pior resultado desde início de 2009, auge da crise financeira. Só em junho, o índice caiu 1,48%, a maior queda mensal desde maio de 2013. Os números divulgados ontem, mesmo acima do que projetava o mercado financeiro, fizeram com que analistas revisassem para baixo as estimativas para a atividade econômica e já esperam uma queda próxima de 0,6% no Produto Interno Bruto (PIB, conjunto de bens e serviços produzidos pelo país em um ano), medido pelo IBGE, no segundo trimestre. Segundo analistas, o IBGE pode revisar para negativo o número do início do ano, quando o país cresceu apenas 0,2%. Se isso acontecer, está configurada a recessão técnica, com dois trimestres seguidos de queda.

O economista-chefe do Banco ABC Brasil, Luís Otávio Leal, é um dos que prevê revisão da taxa do primeiro trimestre. Antes de saber o desempenho do IBC-Br, ele acreditava que o crescimento oficial do período de janeiro a março cairia de 0,2% para zero. Agora, ele espera uma leve retração de 0,1%. O economista acredita, entretanto, que mesmo com o dado negativo ainda é prematuro falar em recessão:

— Eu chamaria de isso de recessão estatística, não de recessão técnica.

A Tendências Consultoria faz a mesma previsão: o número positivo do início do ano seria revisto para queda de 0,1%.

— Seriam dois trimestres de queda, o que se encaixaria no conceito de recessão técnica — afirmou a economista Alessandra Ribeiro.

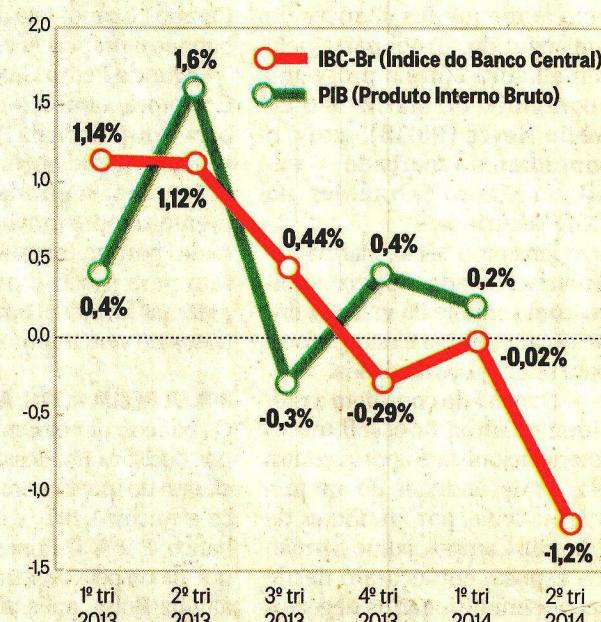
## COPA AFETOU ATIVIDADE

Há quem discorde, no entanto, de que a economia brasileira estaria em recessão, mesmo com duas taxas negativas no PIB.

— Acho que a recessão é muito mais complexa do que dois trimestres de retração do PIB. Não temos recessão, temos uma economia que cresce devagar — dis-

## OS NÚMEROS DA ATIVIDADE ECONÔMICA

PIB E IBC-Br (variação frente ao trimestre anterior)



PROJEÇÕES PARA O PIB

Bancos e consultorias	2º trimestre (frente ao 1º trimestre)	2014
Tendências Consultoria	-0,6%	0,6%
BES Investimento	-0,1%	0,9%
Santander	-0,3%	0,9%
ABC Brasil	-0,3%	0,6%
Itaú Unibanco	-0,4%	0,6%
LCA Consultores	zero	1%
Votorantim Corretora	-0,5%	0,5%
BNP Paribas	-0,4%	0,5%
Pine	-0,2%	0,8%
Fator Corretora	-0,6%	0,8%
Rosenberg & Associados	-0,1%	0,8%

## OS CÁLCULOS

## A DIFERENÇA ENTRE OS INDICADORES

O índice elaborado pelo Banco Central (BC), divulgado mensalmente, tenta projetar o número que o IBGE vai divulgar do Produto Interno Bruto (PIB, conjunto de bens e serviços produzidos no país), já que o PIB é divulgado com defasagem de três meses pelo IBGE. O Banco Central criou o IBC-Br para ter um termômetro da atividade econômica que sirva para orientar a política de controle da inflação pelo Comitê de Política Monetária (Copom).

O indicador do BC acompanha o desempenho da indústria, agropecuária e serviços.

Já as Contas Nacionais, do IBGE, sintetizam todos os números da economia, tanto de consumo como do governo, dos serviços, da indústria, da agropecuária, dos impostos, dos investimentos, do setor externo, da poupança e outros.

O IBC-Br não pode ser considerado uma prévia do PIB porque o dado oficial é muito mais complexo. É o que os economistas chamam de aproximação. As diferenças nos indicadores aparecem nos resultados. O número costumava ter taxa próxima ao dado oficial, mas tem apresentado resultados mais distantes.

Economistas apontam, no entanto, que o IBC-Br indica a tendência da atividade econômica, o que ajuda a dar uma avaliação geral do PIB, antes que os números oficiais calculados pelo IBGE estejam disponíveis.

## Opinião

### SEM ÁLIBI

A PERDA de velocidade da economia alemã, muito influenciada pelas tensões na fronteira da Ucrânia com a Rússia, pode ser conveniente à versão oficial de que os problemas brasileiros vêm de fora.

MAS O álibi continuará inconsistente, diante, por exemplo, dos sinais de que a recuperação americana é para valer.

ALÉM DO mais, a economia brasileira já rateia há algum tempo.

se o economista do Itaú Unibanco Irineu Evangelista de Carvalho Filho.

De acordo com os dados revisados pelo BC, esse já seria o terceiro trimestre de retração da economia. Pelos cálculos do BC, no primeiro trimestre deste ano a economia encolheu 0,02%. Já nos últimos três meses do ano passado, a retração foi de 0,29%. Analistas explicam que ainda não se pode falar em recessão só com os

números do BC, porque estes não refletem a totalidade da atividade econômica, como o PIB do IBGE. E, no primeiro trimestre, o dado foi positivo em 0,2%.

O índice dos técnicos da autoridade monetária é o que os economistas chamam de aproximação, criada para ajudar o BC a balizar a política de controle da inflação.

— Esse número já indica que teremos um segundo trimestre negativo — pre-

vê André Perfeito, economista-chefe da corretora Gradual.

Diante do resultado das vendas do varejo de junho e do IBC-Br, a Tendências Consultoria reviu as estimativas para o recuo do PIB no segundo trimestre, frente ao primeiro, de 0,4% para 0,6%.

— A economia vai ficar um pouco pior do que se estava imaginando. Já estava em desaceleração forte desde março, e a Copa foi a cereja do bolo, por causa do menor número de dias úteis — afirmou Alessandra.

Os números do segundo trimestre sofreram com o efeito Copa do Mundo, segundo Leal. Ele explica que junho houve um bom desempenho do comércio, mas a indústria foi mal por causa dos feriados. E que o desempenho do setor industrial em julho foi mascarado pelos dados deprimidos do mês anterior. ●



NA WEB  
ACERVO

<http://glo.bo/1oBXz5h>

Entre o Pibão e o Pibinho, a gangorra do PIB brasileiro nos últimos 40 anos